

O HEROE DO CENTENARIO



Empalmar e apagar!

SALAMANCA



Ha vinte annos Salamanca produzia unicamente estudantes que nas ferias alegravam a peninsula com os seus concertos de pandeiros e castanholas. Estes estudantes transformavam-se com o correr do tempo em doutores que vinham a ser o terror dos clientes pela quantidade de sciencia que tinham embutido e que faziam pagar cara depois de mal digerida.

Sete lustros completos e mais uns pósinhos não são coisa que envelheça tanto que não nos lembremos de ter visto uma vez, quando começávamos a lêr por cima, um grupo de estudantes de Salamanca, com a batina rota, uns *sombreros* amachucados, sapato e meia, e as guitarras cruzadas no peito ou as pandeiretas debaixo do braço.

Ditoso tempo em que Salamanca apenas nos lançava a suave contribuição do seu *salero*, que consistia n'uns pintos e n'uns olhares ternos atirados das janellas aos garbosos estudantes, nenhum dos quaes, para exportação, era menos do que parente dos Medina Celi ou dos Fernan Nuñez. Salamanca era então um nome sympathico a Portugal; representava a graça, a alegria, a vida airada, a *bohemia*; tinha o que quer que era de uma pilha electrica nos nossos costumes pacatos e pautados; era o terreno neutro da Hespanha, um oasis hospitaleiro onde todos se apertavam as mãos no meio do deserto onde só vegetava a desconfiança.

Ai! Salamanca! quem diria que tu havias de ser a mais perfida das cidades, que os teus estudantes, as tuas canções, as tuas guitarras, seriam precursoras da mais nefasta praga d'estes tempos, d'um syndicato, o qual por sua parte não podia deixar de ser pae de uma tratada?! Quem diria, ó Salamanca! que havias de trocar a tua celebridade como centro de estudo e ninho da mocidade alegre e buliçosa, pela simples menção de theatro de feira, onde Burnay e a sua *troupe* mostram ao publico a habilidade com que fazem desaparecer alguns milhares de contos dos bolsos de Portugal para os metterem na algibeira da Hespanha.

Mas a opinião publica assiste tranquilla ao espectáculo, como quem vê na scena a reproducção do seu viver particular. Cada qual governa-se, é a divisa de cada um nos modernos tempos e por isso não se atreve a patear os que se governam na scena de Salamanca, para não estabelecer um precedente desfavoravel. A vontade era boa, porque os saltimbancos de Salamanca governam-se por atacado, mas os espectadores da superior não perdem a esperança de levar rasca nos lucros da *troupe*, e os da geral, convencidos de que nunca hão-de passar da cepa torta, acham graça ao espectáculo, sem se lembrarem de que o hão de pagar mais caro do que ninguem.

Subsidiar um caminho de ferro em paiz estranho é originalissimo, subsidial-o em Hespanha chega a ser phantastico. Mas ninguem se oppõe, porque desde que se proclamou o trespassse d'este estabelecimento denominado Portugal, de que trata cada um dos interessados é de salvar a sua parte. Não sabemos se alguém mais timorato ou mais seguro já a vendeu com algum desconto ao vizinho que anda ha tempos com ideia de tomar o estabelecimento, para alargar o d'elle, abrindo uma porta de comunicação de um para o outro.

E certo que as phylarmonicas repetem os seus mais entusiasticos hymnos, os oradores sacodem de quando em quando o pó aos seus discursos, o governo conserva arrecadado a sete chaves o seu melhor Te Deum, a commissão 1. de dezembro areja de tempos a tempos as suas casas, o paiz inteiro conserva no fundo do coração um cantinho de patriotismo, para commemorar annualmente a restauração de Portugal; mas nada d'isto impede que se approve o tratado de Salamanca, que se apertem os laços de amizade entre os dois povos irmãos, por meio de um valioso subsidio, como se estreitou a amizade de dois reis, com varias festas e jantares, e afinal que, um dia, depois de conhecidas as respectivas indoles na mais doce convivencia, os dois paizes celebrem á face das nações a sua união legitima, e então indissolúvel. E se no dia da boda, o monumento aos restauradores, para evitar susceptibilidades, for transformado n'uma fonte d'onde corram o limpido Xerez e a suave Manzanilla, poderá brindar-se com a taça da amizade, sem susto de que os 40 homens fortes se ergam das sepulturas para retalharem as carnes dos seus degenerados compatriotas, arrependidos do exorço que empregaram retalhando outr'ora as dos estranhos.



OS DOIS ESCOLHOS



A VERDADEIRA VALSA «LES ROSES»

Sob a direcção do maestro floricultor Paul Plantier



Depois da ultima exposição comprehende-se que são muito melhores as rosas de Plantier do que as rosas de Olivier Me-tras. Devemos confessar que é mais agradável ir *vê-las* a Al-mada, do que ir *ouvê-las* ao Passeio, às cinco horas da tarde. Em rigor as rosas dão-se melhor nos alegretes... do que nas philarmonicas!

QUINTETTO DE CRYSTAL



É a primeira vez que uns calices vasioz agradam aos mais finos amadores. Nos paizes do vidro ficará assente d'hoje para o futuro que só se tolera um copo... sem Xerez! quando fôr offerecido pelos artistas do quintetto.

A QUESTÃO SARAH BERNHARDT

O SNR. P.

?

Responde-me ó P., quem és?
(Sou curioso, bem vês...)
És um p., ou és dois p. p.?
Tens só dois... ou quatro pés?!

Serás o p. de pupilla?
Serás o p. de pedante?
Serás o p. de penante?
Serás pálla... pélla... pillá...?

Serás um p. com decencia?
Serás o p. d'um poeta?
Serás o p. d'um pateta?
Serás o p. ... paciencia?

Serás o p. de patrulha?
Serás um p. peralvilho?
Serás palha?... Serás pillo?...
Serás jollo... ou serás pulha?!

?



O ANTONIO MARIA

O SYNDICATO DE SALAMANCA



... é perder-lhe o tempo e o feitiço!

A HYDRA NO PACO



PREMEDITAÇÃO DE REGICIDIO



INVOCACÃO DOS Nomes DE CARLOTA CORREY, DALLA E OUTRAS BICHAS CELEBRES



INCIDENTE DOMESTICO



OS UTENSILIOS DO REGICIDIO



OUTRO INCIDENTE DOMESTICO - SACODE O PÓ -



VE-OS



RECOLHE-SE APREENSIVA



E COMEÇA A PÔR PÓ D'ARROZ - VENDO PHANTASMAS TERRIFICOS - UIVA UM CÃO



MAS APREENCHO - PÔE A CUIA



ARMA-SE COM O PUNHAL NA CUIA. E BACAMARTE A SAIR DEBAIXO DA SAIA



PÔE O CHAPÉO A ZEMPARINH



DIZ UM DEUS AO RETRATO DE COMES - E



PARTE



CHEGA AO PACO ONDE JA E ESPERADA PORTOJA A FORÇA DA DIVISÃO



O CAMARISTA ARMADO ATÉ AOS DENTES, DISPÕE-SE A SOPRARR O CAMARICIDIO PARA EVITAR O REGICIDIO



ANGELINA DISTRAÇA E PEDE UMA AUDIENCIA



O QUE SE PASSA ATRÁZ DA CORTINA



ELLE DIZ QUE TEM PAZIENCIA



ANGELINA LEVA A MÃO A CUIA MAS REFLECTE QUE RUIDO DE UM CAMARISTA NAO VALE A DE UM TYRANNO



D. ANGELINA PARA NAO PERDER OS SEUS PLANOS, EM VEZ DE CRAVAR UM PUNHAL NO CORACÃO DO REI, ...



CRAVA UM REQUERIMENTO NAS MÃOS DO CAMARISTA.



EL REI ANIMA-SE A CHEGAR A VARRADA E VEM VER A ANGELINA COM UM OCULO

QUANDO ELA PASSA DE AMERICA PELA JUNQUEIRA

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO



D. SAMODÃES — O CONDE**XACARA**

Quem és tu, D. Cavalleiro?
Onde te vaes? D'onde vens?

— Sou o gentil Samodães,
Vou á Serra do Sameiro.

— Vou mostrar o santo ardor,
Da minha luzente espada,
Em catholica cruzada,
Por El-Rei Nosso Senhor!

— Vou conjurar essa praga
Que «Pombal» se intitulou!
Vou cantar o *Rei chegou*
Ao som dos sinos de Braga!

— Vou em santa romaria,
À senhora do Sameiro!—
Deus te guie D. Cavalleiro...
Padre nosso — Ave Maria

?

*Eu*

Ai! quem
Ha-de agora ó Beatriz
Cantar-te o genio assombroso?
Sem teu bichano amoroso
Infeliz!
Ai quem?

Ecco

Ninguem.

Eu

Ai! quem
Em noites de beneficio
C'o suor correndo em bagas
Ha-de ir falar ao Melicio
Ao Coelho, ao Pina, ao Chagas,
Supplicar,
Implorar,
Committer té o vexame
De pedir meio réclame
Ai! quem?

Ecco

Ninguem.

Eu

Ai! quem
Ha-de na noite da festa,
Debruçado d'uma fresta,
Deitar ramos e bouquets
E fazer-te rapa-pés.
Ai! quem?

Ecco

Ninguem.

Eu

Ai! quem
Ha-de á saída da caixa
Deitar-te aos hombros a capa,
Servir-te chá e bolaxa,
Dar-te o cobertor de papa
E contra sonhos preversos
Recitar seus proprios versos
Ai quem
O' amor que as almas feres?

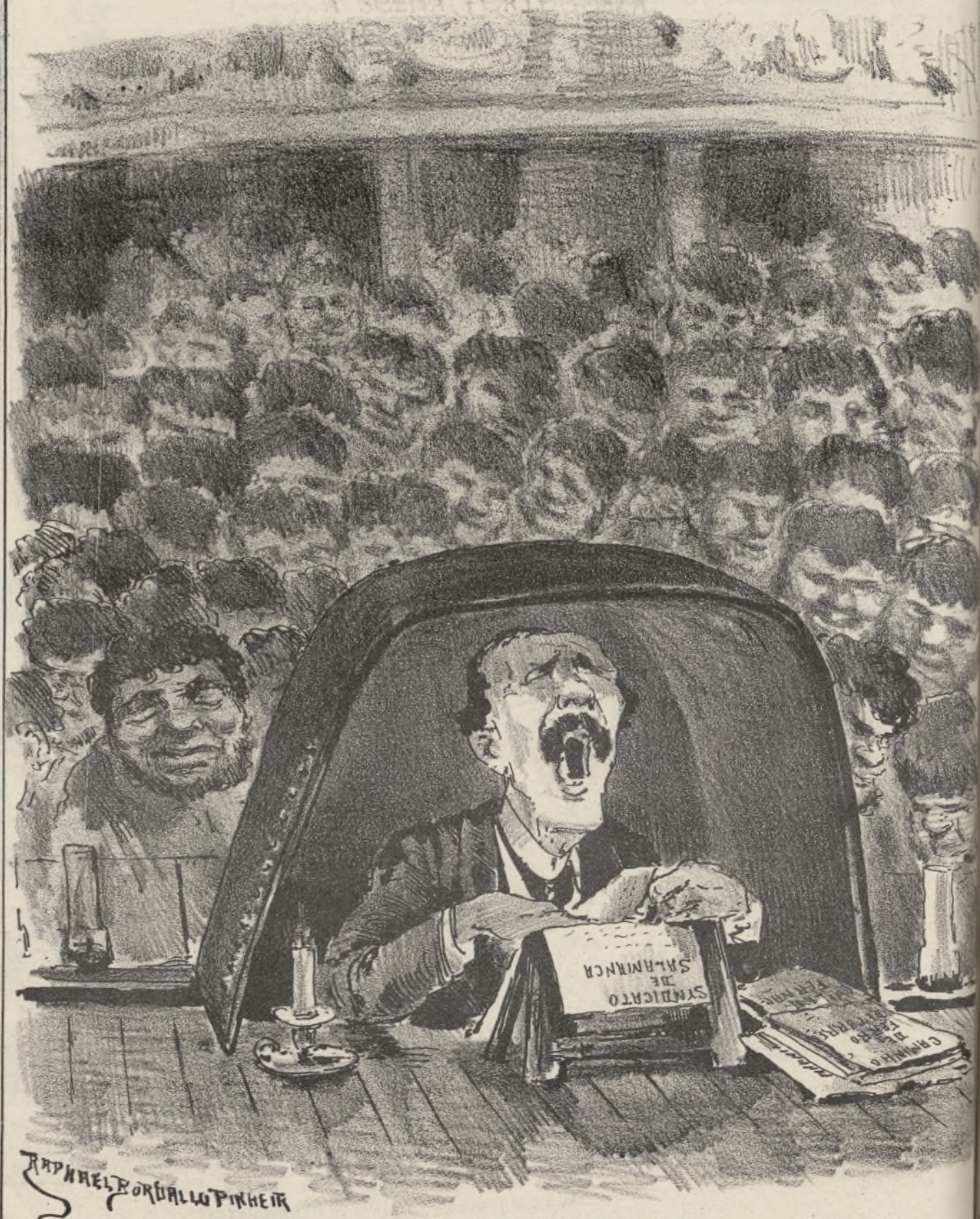
Ecco

Um alferes!



J. M. P. 1882

A SCENA PORTUGUEZA



O Ponto.